



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO MARAJÓ – BREVES
FACULDADE DE CIÊNCIAS NATURAIS

AIDA CASTRO DOS SANTOS

SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR: obstáculos no ensino de ciências,
do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

BREVES/PA
2015

AIDA CASTRO DOS SANTOS

SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR: obstáculos no ensino de ciências, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.^a Me. Solange Pereira da Silva

BREVES/PA
2015

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S237s Santos, Aida Castro dos.
Sexualidade no âmbito escolar : obstáculos no ensino de ciências, do 6º
ao 9º ano do ensino fundamental / Aida Castro dos Santos. — 2015.
40 f.

Orientador(a): Profª. MSc. Solange Pereira da Silva
Trabalho de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará,
Campus Universitário de Breves, Faculdade de Ciências Naturais, Breves,
2015.

1. Educação sexual. 2. Professor. 3. Ciências Naturais. I. Título.

CDD 372.372

AIDA CASTRO DOS SANTOS

SEXUALIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR: obstáculos no ensino de ciências,
do 6º ao 9º ano do ensino fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para Banca Examinadora como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Naturais pela Faculdade de Ciências Naturais da Universidade Federal do Pará.

Apresentado em:

Conceito: _____

Banca Examinadora:

Orientadora: Solange Pereira da Silva
FACIN - CUMB-UFPA

Prof. Dr. Aldemir Branco Oliveira Filho
FACIN-CUMB, UFPA (TITULAR).

Prof. Dr. Glaucia Caroline Silva de Oliveira
FACIN-CUMB, UFPA (TITULAR)

Dedico esse trabalho ao meu querido Marlon Silva e Silva, pelos ensinamentos ao longo dessa jornada e à minha família em especial aos meus sobrinhos: Matheus, William, Moises, Alice e Davi pela alegria em tê-los.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, por me proporcionar a vida, por me fazer sentir sua presença em todos os momentos e pelas dádivas alcançadas, pois não cai nenhuma folha da árvore e nenhuma gota de orvalho do céu, se não for de vossa vontade.

Em especial à minha mãe Joana Darc' Castro dos Santos, sem ela eu não seria quem sou hoje pois me deu o alicerce para as minhas conquistas.

Aos meus irmãos pelo incentivo, pelo apoio e compreensão durante toda a vida acadêmica; Alda, Aldina, Adiane, Doriane, Adilson, Hamilton, Airton, Cleidinaldo e Moises. Meus sobrinhos Matheus, M. William, Alice e Davi pelo amor incondicional e carinho. Minha família, minha riqueza, âncora e razão do meu esforço em busca do conhecimento.

Ao Marlon Silva e Silva minha eterna gratidão por ter me ensinado a ser crítica e reflexiva para enfrentar o mundo, grata pelo incentivo que sempre manifestou com suas sugestões, correções e pela segurança com que me ensinou que a busca pelo conhecimento deve ser sempre constante, visto que, este é o caminho para chegar a atingir meus objetivos.

A todos os professores que deram sua parcela de contribuição para concluir o curso, em especial aos professores Carlos Alberto Brito, Tiago Magalhães, Flávio Vargas, Darlene Ferreira, Fabricia Sizo, Aldemir Branco, Gláucia Oliveira e Luiz Marcelo Pinheiro.

A minha orientadora Prof^a Me. Solange Pereira da Silva, meu mais que um obrigado minha eterna gratidão pela oportunidade, pela confiança, por acreditar na minha capacidade e pela sua competência, serenidade e dedicação durante a construção deste trabalho.

A todos os meus amigos em especial aos companheiros de faculdade, Alexsander da Silva, Paulo José, Marx Brasil, Mairo Oliveira, Rhayanne Ferreira, Regiane, Raqueline, Amária pelos quatro anos que compartilhamos em busca de um único objetivo e às minhas queridas amigas Elane Machado e Daniele Mendes pelo carinho e orgulho de tê-las ao meu lado.

Enfim, agradeço aos demais colegas da turma e a todos que estiveram comigo nos momentos de alegria, de dificuldade, que acreditaram e contribuíram de alguma forma nesta longa jornada. É impossível destacar todos.

“Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que precisarás passar,
para atravessar o rio da vida – ninguém, exceto tu, só tu”.

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Neste estudo, foi dada ênfase à sexualidade no âmbito escolar, objetivando investigar as dificuldades que o professor de Ciências Naturais enfrenta ao trabalhar a temática Sexualidade com alunos de 6º ao 9º ano do ensino Fundamental, bem com os conteúdos e as práticas. O objeto de estudo desta pesquisa foram três docentes de Ciências Naturais. O tipo de pesquisa adotada foi pesquisa bibliográfica e o estudo de caso em uma escola do ensino fundamental no município de Breves. Para sua realização foi escolhido à técnica de coleta de dados na forma de entrevista por meio de um roteiro com perguntas semiestruturas, fundamentado em alguns referenciais teóricos que nortearam este trabalho. Para fundamentar as discussões desta pesquisa, utilizamos as proposições de Almeida (2009), Benites (2006), Biscolli (2005), França (2008), Freud (2006), Foucault (1988), Figueiró (1996, 2006), Furlani (2011), Louro (1997), Martin (2010), Nunes (2004), Rosemberg (1985), dentre outros. Os resultados da pesquisa apontam que a maioria dos professores de Ciências que participaram da entrevista não se sentem seguros e preparados o suficiente para trabalhar a temática sexualidade em sala de aula.

Palavras-chave: Educação sexual, Professor, Ciências Naturais.

ABSTRACT

This study emphasized sexuality in the school setting, aiming to investigate the difficulties faced by Natural Sciences teachers when addressing the topic of sexuality with students from the 6th to the 9th grade of elementary school, as well as the content and practices involved. The subjects of this research were three Natural Sciences teachers. The research methodology adopted was bibliographic research and a case study in an elementary school in the municipality of Breves. Data collection was carried out using interviews based on a semi-structured questionnaire, grounded in several theoretical frameworks that guided this work. To support the discussions in this research, we used the propositions of Almeida (2009), Benites (2006), Biscolli (2005), França (2008), Freud (2006), Foucault (1988), Figueiró (1996, 2006), Furlani (2011), Louro (1997), Martin (2010), Nunes (2004), Rosemberg (1985), among others. The research results indicate that the majority of science teachers who participated in the interview do not feel secure and prepared enough to address the topic of sexuality in the classroom.

Keywords: Sexual education, Teacher, Natural sciences.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PROBLEMATIZAÇÃO	11
3	OBJETIVOS	12
3.1	Objetivo geral	12
3.2	Objetivos específicos	12
4	PERCURSO METODOLÓGICO	12
5	CONTEXTO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	14
5.1	Questões Introdutórias	14
5.2	Sexualidade	16
5.3	Educação e Orientação Sexual	18
5.4	Conteúdos, práticas e abordagens da educação sexual nas escolas públicas brasileira	22
6	RESULTADOS E DISCURSÕES	29
6.1	Educação sexual: As especificidades da escola pesquisada	30
6.2	Conteúdos e as metodologias presentes no currículo escolar	30
6.3	As dificuldades dos professores de Ciências nas aulas de Educação Sexual	35
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

Falar de sexo ou sexualidade nas escolas sempre foi e ainda é um tema difícil. Pois muitas pessoas (principalmente pais ou responsáveis pelos alunos) ainda têm a imagem de que a sexualidade é algo proibido e que só deve ser tratado por pessoas consideradas adultas.

Meu interesse pela temática “Sexualidade no âmbito escolar: obstáculos no ensino de ciências, do 6º ao 9º ano do ensino fundamental” se deu em razão da experiência que tive quando realizei meu estágio supervisionado III em uma escola pública do município de Breves no ano de 2014. No decorrer do estágio, vivenciei situações que acabaram me deixando com dúvidas sobre o que responder aos alunos quando surgiam manifestações sobre o assunto.

As manifestações do descobrimento do corpo no processo de escolarização são frequentes e a maioria dos docentes não se sente preparados para falar sobre a temática uma vez que eles se sentem inseguros diante da realidade que está cada vez mais exigindo um conhecimento mais profundo. Quando surgem dúvidas que envolva o tema, como perguntas e brincadeiras na maioria das vezes os docentes ignoram o aluno.

As dificuldades enfrentadas pelo professor em sala de aula foi um dos fatores que me levou a pesquisar sobre as práticas, conteúdos e as dificuldades enfrentam para trabalhar a temática sexualidade com os alunos do 6º ao 9º do ensino fundamental. A curiosidade em saber como os professores de Ciências Naturais trabalham o conteúdo em relação à sexualidade, e que tipo de metodologia utiliza para desenvolver essa temática, visto que falar de sexualidade com crianças e adolescentes ainda é algo cheio de tabus.

Considero que esta seja uma temática necessária para ser incluída com mais espaço no cotidiano da sala de aula e nos cursos de formação de professores como forma de prepará-los para trabalhar esse tema com o adolescente, de forma correta.

Este trabalho é relevante do ponto de vista acadêmico, pois é preciso enfatizar que este estudo discutirá as dificuldades dos educadores em relação ao trabalho com a educação sexual.

Analisar a postura do professor diante do tema sexualidade é de grande relevância para a educação porque traz a reflexão da sexualidade vivenciada atualmente e como isto está sendo assimilado na escola, pois é importante compreender as manifestações sexuais no espaço escolar e que influência exerce sobre as práticas dos professores, bem como sobre o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos.

Não se pode ‘esconder’ o assunto sobre sexualidade, pois sabemos que cada vez mais os adolescentes estão expostos ao assunto, seja por meio de jornais, revistas, internet e, principalmente, através da televisão.

2 PROBLEMATIZAÇÃO

Sabemos que o assunto sobre sexualidade no Brasil vem sendo discutido, sejam nas escolas, nas propostas de ensino, se constituindo como uma possibilidade de crescimento no que diz respeito a sua importância. Porém, falar de sexo ou sexualidade sempre foi e ainda é um tema difícil.

A educação acontece a partir do momento que o indivíduo nasce e começa a ser envolver com o ambiente em que vive seja nas relações com a família e, sobretudo no espaço escolar, quando os indivíduos saem do meio familiar.

A educação ocorre a partir do nascimento do indivíduo e sua interação com o ambiente em que vive nas relações com a família e, sobretudo na escola, quando os adolescentes saem do espaço familiar para criar relações num ambiente maior, envolvendo-se com outros indivíduos.

Partindo desse contexto, podemos dizer que a educação Sexual deve ter seus parâmetros com base na família, onde os valores são reproduzidos nas crianças e adolescentes conforme os padrões de moralidade da família ou da sociedade em que ela vive, visto que, o sexo e sexualidade são essenciais ao ser humano, e estão relacionados diretamente à vida e à saúde, desde nascimento até a morte, envolvendo as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro. E a forma como a família repassa esses valores às crianças determina em grande extensão a educação dos filhos. Com isso, a sexualidade é um tema muito discutido nos dias atuais e continua sendo um desafio que preocupa os educadores das diferentes séries do ensino fundamental.

Acredita-se que o adolescente é um ser que deve ser educado de forma segura, respeitando seus limites e não como um indivíduo que deva exercer obrigatoriamente um papel sexual na sociedade. Hoje se faz necessário que esse assunto seja tratado no espaço escolar de maneira simples, respondendo a questões de modo esclarecedor para que os adolescentes não busquem fora deste meio, informações erradas a respeito do sexo. Diante disso, é importante analisar como o professor visualiza a importância de ser trabalhar a

sexualidade na escola e Identificar as dificuldades docentes em sala de aula, em relação à orientação sexual para os discentes.

Apresento a seguir a questão problema: Quais as dificuldades que os professores de Ciências Naturais enfrentam para trabalhar a temática “sexualidade” com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Breves-PA?

Para aprofundar sobre a temática elegemos as seguintes questões norteadoras:

- Quais são as concepções teóricas que norteiam debate sobre educação sexual;
- Quais as orientações para realização do trabalho com a temática sexualidade no ensino de Ciências.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Analisar as dificuldades que os professores de Ciências Naturais enfrentam para trabalhar a temática “sexualidade” com alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Breves-PA.

3.2 Objetivos específicos

- Contextualizar historicamente as abordagens de educação sexual e seus respectivos conteúdos e práticas na escola pública brasileira;
- Analisar as práticas; Identificar os conteúdos; Conhecer quais as dificuldades docentes enfrentadas no trabalho com o tema “sexualidade” com alunos do 5º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Breves-PA.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Considerando a relevância da pesquisa optamos pela abordagem qualitativa, considerando a partir de Chizzoti (2003), que o termo qualitativo implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos da pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível. Após isso, o autor interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa.

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles (CHIZOTTI, 2003, p. 221).

Dentre as possibilidades de pesquisa qualitativa, foi realizado um estudo de caso, considerando a realidade das turmas de 6º ao 9º ano de uma escola de ensino fundamental do município de Breves-PA, em relação ao trabalho desenvolvido sobre a educação sexual, pois Segundo André (2008):

Os estudos de caso podem ser usados em avaliação ou pesquisa educacional para descrever e analisar uma unidade social, considerando suas múltiplas dimensões e sua dinâmica natural. Na perspectiva das abordagens qualitativas e no contexto das situações escolares, os estudos de caso que utilizam técnicas etnográficas de observação participante e de entrevistas intensivas possibilitam reconstruir os processos e as relações que configuram a experiência escolar diária.

Para realização deste trabalho, utilizou-se da pesquisa bibliográfica. A pesquisa bibliográfica possibilita oportunidades para que o pesquisador possa analisar e compreender o objeto de estudo, através do contato com tudo o que foi escrito e documentado sobre o assunto da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2002, p.44).

Também foi utilizada a pesquisa de campo da técnica de coleta de dados, realizada através de entrevistas com três docentes. Utilizou-se da entrevista, por considerar a partir de Duarte (2004, p.215) que as:

Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Nesse caso, se forem bem realizadas, elas permitirão ao pesquisador fazer uma espécie de mergulho em profundidade, coletando indícios dos modos como cada um daqueles sujeitos percebe e significa sua realidade e levantando informações consistentes que lhe permitam descrever e compreender a lógica que preside as relações que se estabelece no interior daquele grupo, o que, em geral, é mais difícil obter com outros instrumentos de coleta de dados.

Para desenvolvimento do trabalho utilizamos autores como Aquino (1997), Nunes e Silva (2000), Guimarães (1995), Sayão (1997), Foucault (1988), Almeida (2009), Del Priore (2011), Figueiró (1996), França (2008), Louro (2008), Martin (2010), Rosemberg (1985).

5 CONTEXTO HISTÓRICO DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Este capítulo apresenta um breve histórico da educação sexual no Brasil, as questões atuais acerca da sexualidade humana e o papel da escola, finalizando com as abordagens de educação sexual e seus respectivos conteúdos e práticas na escola pública.

5.1 Questões introdutórias

Discutir o tema Educação Sexual não é algo tão simples, principalmente quando se pensa na questão da sexualidade na escola. Destacamos a seguir, alguns fatos e datas que foram significativas pelas quais passou esta temática na educação brasileira.

A preocupação pelos temas relacionados com a vida sexual humana vem de muito tempo. Observe-se que o surgimento se dá desde o momento em que o homem dar início a sua estrutura organizacional familiar. Enquanto as questões referentes à educação sexual são consideradas recentes. Estudos mostram que a sexualidade surgiu no século XIX e início do século XX, com bastante influência nos códigos morais. Os primeiros estudos científicos sobre a sexualidade surgem no final do século XIX e princípio do século XX, utilizando critérios ainda pouco perfeitos e, sobretudo, bastante influenciados pelos códigos morais dominantes.

A partir da década de 1920, iniciou-se timidamente, uma preocupação com a educação sexual na área da educação escolar. E para que a sociedade caminhasse em direção à modernização, era indispensável que o indivíduo conhecesse a fisiologia sexual nos parâmetros do discurso higienista.

Em 1928 realizou-se o Congresso Nacional de Educadores, no qual foi aprovado o Programa de Educação Sexual que seria desenvolvido com crianças acima de onze anos de idade. Segundo Nunes e Silva (2000 apud SILVEIRA, 2010, p.93):

A educação sexual desde os anos de 1930 esteve presente no discurso de pais e educadores sensibilizados com a importância do tema na contemporaneidade, porém, a educação sexual escolar foi polêmica no meio educacional. Por isto, este tema sempre esteve distante dos currículos e procedimentos pedagógicos, com grandes divergências quanto à natureza, identidade e limitações do que seja a educação sexual.

Para Aquino (1997), historicamente, a sexualidade no Brasil surgiu a partir da influência de países europeus, como Portugal e Espanha. Dessa interação passou a existir a formação social brasileira.

De acordo com Sayão (1997 apud AQUINO, 1997, p. 108):

A educação sexual no Brasil surge com as primeiras ideias sobre educação x sexualidade no combate a masturbação e as doenças venéreas, visando também à preparação da mulher para o exercício do papel de esposa e mãe. Na década de 20, segmentos sociais inovadores, entre eles feministas liderado por Berta Lutz, reivindicaram a educação sexual, com objetivos diferentes de proteção a infância e à maternidade.

Guimarães (1995, apud AQUINO, 1997), na década de 60 ocorreram experiências relevantes na implantação da Educação Sexual nos programas para os alunos, tanto em escolas públicas, como particulares, entre os períodos de 1963 a 1968, nos Colégios de Minas Gerais e Rio de Janeiro, que mantiveram o programa de Educação Sexual para os alunos de ensino fundamental, sendo que uma das escolas houve uma crise relacionada ao clima de liberdade produzido pelo trabalho, pois resultou na exoneração da diretoria, suspensão e expulsão de alunos.

Sayão (1997 apud AQUINO, 1997, p. 108) no Estado de São Paulo, entre 1954 a 1970, o serviço da saúde pública do Departamento de Assistência ao escolar oferecia aulas de orientação sexual às meninas de quarta série primária. Sendo que os educadores sanitários e professores davam informações sobre as transformações da puberdade, também às mães. O programa foi interrompido por determinação da Secretária de Educação de São Paulo.

Alguns anos depois o interesse pela educação sexual reapareceu, decorrência de algumas mudanças influenciadas pelos movimentos feministas e de controle da natalidade. Surgiu efeito até na igreja, como afirma Sayão (1997 AQUINO, 1997, p. 109):

Em 1980, a Igreja Católica lança a Encíclica Familiaris Consortio, um verdadeiro e claro ensinamento sobre a vida sexual conjugal e familiar, enfatizando a questão da família e escola serem responsáveis maiores pela educação sexual das crianças, adolescentes e jovens. Desde este documento até o momento a Igreja Católica publica centenas de livros científicos sobre o assunto e em Roma sedia a Academia para a Vida voltada para estas questões. Nesse mesmo período, foi liberal na veiculação e divulgação de questões ligadas à sexualidade. Surgiram serviços telefônicos, programas de rádio, o programa de Marta Suplicy na televisão (que gerou grandes polêmicas), e também enciclopédias e fascículos vendidos em bancas de jornal, todos destinados a responder questões sobre sexo

A partir daí aconteceram com mais frequência congressos e encontros de profissionais com a participação de educadores, médicos e cientistas sociais. Tudo isso, colaborou bastante para ativar o debate sobre a importância da inclusão de educação/orientação sexual nas escolas pública e privada.

Sayão(1997 apud AQUINO, 1997, p. 111) enfatiza que, a partir de 1995, o Ministério da Educação e Cultura – MEC coordenou a elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino fundamental a ser apreciado pelo Conselho Nacional de Educação. Essa proposta inclui orientação sexual como um dos tema a serem abordados no primeiro grau de forma articulada com as disciplinas como: ética, saúde e meio ambiente.

É grande o interesse e a necessidade das escolas de implantar um programa de educação sexual, no sentido, de informar, orientar e esclarecer as dúvidas e curiosidades dos adolescentes sobre a sexualidade.

5.2 Sexualidade

A sexualidade se manifesta desde o início da vida e acompanha o desenvolvimento geral do indivíduo. É entendida a partir de um enfoque abrangente. Inclui as dimensões fisiológicas, psicológicas e sociais. Os termos “sexo” e “sexualidade” são bastante utilizados e comuns e até confundidos quando se trata da sexualidade humana. O senso comum usa essas duas palavras como sendo sinônimos (BRANDO, 2007). Conforme Guimarães (1995 apud BRANDO, 2007), sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher, e da atração de um pelo outro, para a reprodução e a sexualidade é um substituto abstrato que se refere ao ‘ser sexual’.

Comumente é entendida como vida, amor, relacionamento, sensualidade, erotismo, prazer. As orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), esclarece EGYPTO (2012, p. 15) destaca que:

A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato, intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações e, portanto a saúde física e Mental.

Diante disso podemos dizer que a sexualidade não é apenas um conjunto de atos e reflexos herdados ou adquiridos na convivência social. A sexualidade não deve restringir-se somente ao desejo ou ato sexual, mas ao amor, que é um dos aspectos mais importantes da vida humana, já que a sexualidade é entendida como algo ligada à vida, que desempenha um papel fundamental para a saúde, o prazer, o bem estar e o bom andamento psicológico que se integram a vida humana.

Segundo Egypto, (2012) a sexualidade nos remete à nossa origem (quem somos de onde viemos como fomos concebidos) e, logo, à origem do próprio conhecimento, da curiosidade e da disposição para aprender. Sexualidade tem a ver com identidade e com as infinitas maneiras de ser homem ou de ser mulher na sociedade e na cultura e com o caminho pessoal da construção de cada um. Para Martins (2010, p 28).

A sexualidade por ser histórica e culturalmente constituída, em cada cultura é vista de diferentes formas. Cada sociedade elabora e estabelece normas e padrões, bem como constrói meios para garantir que esses padrões sejam seguidos. Dependendo do momento histórico e cultural, a sexualidade pode ser vista e tratada com mais valorização ou mais desvalorização, com mais liberdade ou com mais repressão.

Entende-se que a sexualidade está diretamente ligada à forma como as pessoas se relacionam com o mundo, e essa visão também construída em um determinado período histórico, ainda continua e contribui para permanência de estereótipos referentes aos modelos idealizados e formas de vivenciar as sexualidades.

Podemos observar que a sexualidade tem sido descrita, esclarecida, compreendida, estudada, normatizada a partir de vários aspectos e campos disciplinares. Assim sendo, a educação sexual oferecida pela escola deve abordar as repercussões de todas as mensagens transmitidas pela mídia, pela família e pela sociedade, com as crianças e com os jovens. Visto que a escola, ao proporcionar informações atualizadas, de aspecto científico, e especificar os diversos valores associados à sexualidade e aos comportamentos sexuais existentes na sociedade, permitirá ao aluno desenvolver atitudes lógicas se emitir seu próprio juízo de valores.

5.3 Educação e orientação sexual

A educação sexual ocorre desde o nascimento, através dos primeiros contatos, cuidados e carinho possibilitado por pais e familiares. É no meio familiar que são transmitidas às crianças e adolescentes as primeiras noções e valores associados à sexualidade, seja através de atitudes conscientes ou inconscientes.

Os pais/responsáveis são peças chaves na formação da identidade de gênero e no desempenho dos papéis sexuais de seus filhos. Mas infelizmente, muitas vezes, a instituição familiar não cumpre com rigor este papel, tratando o assunto como tabu. Nesse caso, a comunicação consciente entre pais/responsáveis e filhos no que diz respeito à sexualidade acaba se tornando confusa ou ausente.

Na mesma linha de raciocínio, Braga (2009, p.81) reforça que os tabus e os bloqueios, muitas vezes apresentados pelo adulto, são fruto das “[...] dificuldades que teve em receber a sua própria educação sexual”. Nunes e Silva (2000) elencam as principais atitudes dos pais frente às manifestações da sexualidade de crianças e adolescentes. Sem querer classificar essas atitudes, mas no intuito de esclarecer que estas são frutos de uma determinada vivência cultural e construção social, eles afirmam que os pais podem apresentar atitudes de cunho autoritário e repressivo, omissa, ausente e permissiva, diletante e exótica, delegante e patrulhadora ou, ainda, humanista e emancipatória.

Os autores explicitam que a atitude autoritária e repressiva caracteriza-se pela potencialidade de violência simbólica e dominação. Para Nunes, Silva (2000),

As atitudes omissa, ausente e permissiva caracterizam-se por uma compreensão equivocada da sexualidade da criança, pautada num conjunto de ações que negam a sexualidade. Já a atitude **diletante e exótica** é aquela cuja compreensão da sexualidade está baseada em características mágicas e fantasiosas. A atitude delegante e patrulhadora é aquela em que os pais delegam à escola e aos educadores o papel de conduzir o processo informativo e de cristalização comportamental no tocante à sexualidade de seus filhos.

Conforme Souza (1999), diante do avanço da globalização da economia e dos meios de comunicação, a intensa participação no mercado de trabalho vem tomando muito tempo das pessoas, e a maioria dos pais pouco acompanha o desenvolvimento dos filhos, que longe da companhia deles, ficam boa parte do dia na frente da televisão ou do computador com internet, sendo bombardeados por cenas caracterizadas pelas manifestações de várias formas de expressão da sexualidade, fazendo com que elas vejam o tema como algo banal, sem ter consciência do verdadeiro valor e sentido da sexualidade humana, desenvolvendo cada vez

mais cedo seu interesse pelas atividades sexuais, porém, de maneira confusa e estereotipada.

Enquanto que a maioria dos pais se sente constrangida em falar sobre sexualidade com as crianças, estas recebem, através dos meios de comunicação, informações sexuais fragmentadas, de acordo com os vieses do consumismo reinante. Esse fato pode ser verificado em filmes, novelas, seriados de tevê e letras de música bastante erotizados (a fim de atrair a qualquer custo a atenção de todos os públicos), os quais tem feito parte do cotidiano de crianças e adolescentes, gerando assim uma inquietação e aumento na ansiedade relacionada à curiosidade sobre as temáticas sexuais.

Infelizmente o erotismo na mídia é uma estratégia deliberada, pois a TV precisa de faturamento imediato, buscando conciliar prazer e lucro através da estimulação do sexo e erotismo na tela. Essa estratégia de vinculação de propagandas e programas ao erotismo seria para despertar curiosidade e ganhar audiência, além de relacionar o prazer sexual com os produtos de consumo. Assim, o telespectador é literalmente seduzido pela propaganda através de meios que atacam seu inconsciente.

Segundo Sayão (1997), alguns programas jornalísticos e científicos, campanhas de prevenção à AIDS veiculadas na TV enfocam a sexualidade dirigindo informações a um público adulto. Às crianças prevalece a interdição sobre as temáticas sexuais. Entretanto, as crianças também os assistem, mas não podem compreender por completo o significado dessas mensagens (visto que as mensagens não são dirigidas para elas), construindo, por vezes, conceitos e explicações errôneas sobre a sexualidade.

A forte influência dos meios de comunicação social interfere, de maneira geral, na ação educativa realizada pela escola. Na maioria dos casos, esses meios fornecem uma Educação “anti-sexual” aos alunos, que chegam às escolas com uma visão de várias formas deturpadas em relação aos vários assuntos relacionados à sexualidade (BARROSO, 1982).

Por isso, é fundamental que a família e os educadores ofereçam orientação para que os adolescentes desenvolvam boa autoestima, saibam fazer escolhas, posicionem-se de forma consciente frente às situações, responsabilizando-se por suas decisões.

Nesse sentido, como instituição que desenvolve educação sistematizada, é importante que a escola esteja sempre atenta às manifestações das sexualidades dos alunos, não para reprimi-los, mas para orientá-los quanto ao respeito pelas diferenças individuais, às tomadas de decisões em relação aos outros e a si mesmo. Estas orientações não devem ter dias e hora marcada para acontecerem, e sim ser feitas todos os dias, sempre que necessário, no sentido de esclarecer ou somente ouvir o que os alunos querem dizer a respeito de sexo, corpo, desejo, prazer, enfim, possibilitar o diálogo sobre tudo o que se relaciona com sua sexualidade.

Neste sentido, Silva (1998) contribui ao afirmar que:

A escola como responsável pela formação do indivíduo deve assumir uma educação sexual capaz de transformar a realidade sócio-cultural ligada à questão sexual, permitindo ao aluno externar suas dúvidas e temores sobre este tema obscuro, suscitando a consciência das responsabilidades que as suas opções trarão em sua vida e desenvolvendo o respeito por si e pelo outro.

Segundo Sayão (1997), não há dúvidas de que a escola desempenha uma função primordial na educação sexual de seus alunos. No entanto, o grande problema é que os professores nem sempre percebem isto em suas ações individuais ou coletivas durante o fazer pedagógico. Em parte, esse fato se deve aos tabus sobre o tema, em parte também se deve à deficiência nos currículos de formação docente.

A escola tem suas normas a respeito dos comportamentos dos alunos que expressam a sexualidade. Como o assunto é incômodo, complexo, é raro ser discutido pelos professores. Mas o que se verifica, no cotidiano, é que os alunos tornam o tema obrigatório em sala de aula. Para dar conta desta situação cada professor faz o que pode. Em geral cada um age de acordo com sua experiência pessoal e disponibilidade, norteado, geralmente, por informações obtidas em cursos, palestras ou leitura realizado por interesse próprio (SAYÃO, 1997).

De acordo com Sayão (1997, p.112):

A escola também se constitui num importante agente nesse campo. Não é apenas nas portas de banheiros, muros e carteiras que se inscreve a sexualidade no espaço escolar. Ela invade por completo essa “praia”. As atitudes dos alunos no convívio escolar, o comportamento entre eles, as brincadeiras e paródias inventadas e repetidas, tudo isso transpira sexualidade. Ao não reconhecer essas múltiplas manifestações, é como se a escola realizasse o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela.

Há também a presença clara da sexualidade dos adultos que atuam na escola. Pode-se notar, por exemplo, a grande inquietação e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos menores. Os adolescentes testam, questionam e tomam como referência a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa (BRASIL, 1997).

Em suma, não é possível mais adiar a discussão sobre a sexualidade no contexto escolar. Por outro lado, é preciso entender que falar em sexualidade no espaço escolar, não é apenas tratá-la como um estudo de dimensão biológica. Frision (2008) deixa claro que a sexualidade se expressa no corpo e na subjetividade de cada sujeito em encontro com a dimensão social que vive, envolvendo a emoção, afeto e imaginário.

Há duas formas de se ensinar sobre sexualidade, que são propostas pelos PCN, e que correspondem aos dois tipos de Educação Sexual estabelecidos por Werebe (1981): a Educação Sexual formal, que equivale a ensinar “dentro da programação”, fazendo planejamento prévio e a Educação Sexual informal, que equivale à “extraprogramação”, isto é, aproveitar, de forma espontânea, um fato, uma pergunta, uma situação ocorrida e, ensinar a partir daí.

A educação sexual que deve ser oferecida nas escolas precisa contribuir para o preenchimento de falhas nas informações que a criança apresenta, proporcionando conhecimentos atualizados do ponto de vista científico, procurando criar oportunidades de formar opinião a respeito do que lhe é apresentado pela família, mídia e escola, buscando evitar assim, diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, procurando também desenvolver atitudes e valores.

Sendo assim, para trabalhar sobre sexualidade, torna-se indispensável que a escola e o professor adotem um posicionamento de diálogo mútuo, para construir conhecimentos conjuntamente, numa relação de igualdade e respeito.

Para se conquistar uma formação humana qualificada sobre sexualidade, é indispensável cultivar a originalidade e a criatividade de cada pessoa, pois, para que se possa educar por completo uma criança, é necessário que os pais e professores assumam responsabilidades e o cuidado de considerá-la em todas as suas dimensões.

Com o avanço dos debates e dos diversos conceitos dados a educação sexual, é notável que a mesma seja indispensável e nenhuma escola pode deixar de abordá-la. A questão não é decidir se trata ou não deste tema ou qual a melhor definição para este, mas sim, saber como lidar com o mesmo, pois a sexualidade na escola aparece algumas vezes de forma escondida e simbólica e em outras, de forma obscena e discriminatória (BRASIL, 1997).

Porém, a educação sexual não se restringe apenas a veiculação de informações sobre sexo, significa também a relação entre pessoas, transmissão de valores, atitudes e comportamentos. É importante que os professores estejam preparados psicologicamente e pedagogicamente para falar sobre o assunto, pois o que se pode observar é que a maioria não possui preparação suficiente, e o que sabem muitas vezes, está baseado em troca de informações com colegas e em algumas leituras, que se limitam aos aspectos biológicos, sem levar em consideração os sentimentos e as emoções envolvidas neste processo.

No entanto, muitas vezes, a informação não garante mudança de atitudes e valores, pois, nem mesmo a conhecimento que se tem sobre DST/AIDS, gravidez não planejada, homofobia, impedem o seu avanço e aumento. Porém, não se pode abrir mão da informação,

pois, quando é levada a discussão para a escola, para o dia-a-dia das aulas, é proporcionado aos alunos, à compreensão dos conflitos e dos obstáculos que a temática ocasiona, e o enfrentamento das oposições, inquietações, dificuldades e riscos, buscando levar assim, à superação dos preconceitos.

Portanto, a proposta da educação sexual tanto na família quanto na escola, deve conter compromisso, responsabilidade, liberdade e a informação, funcionando como instrumento para que as crianças de ambos os sexos possam avaliar suas decisões e fazer escolhas mais adequadas sobre sua sexualidade.

A seguir serão apresentados os conteúdos, as práticas e abordagens da educação sexual nas escolas públicas Brasileira.

5.4 Conteúdos, práticas e abordagens da educação sexual nas escolas públicas brasileira

A sexualidade está presente na vida das pessoas, desde quando nascemos até quando morremos. E hoje em dia, podemos perceber que é maior o nível de informações sobre a sexualidade, porém, ainda existe muita barreira para se discutir e compreender essa temática, principalmente na escola.

Falar da sexualidade é tão delicado que muitas vezes, abordagens mal feitas acabam por reforçar tabus e preconceitos, espalhando assim, informações erradas sobre a mesma. A abordagem do tema sexualidade nas escolas ainda é cercada por velhos tabus. Os educadores ainda resistem muito em tomar para si qualquer responsabilidade de trabalhar a educação sexual com seus alunos.

As propostas apresentadas nos PCN enfatizam a dimensão de abordagem do tema sexualidade, considerando as seguintes características fundamentais:

[...] a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser clara, para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas; e sistemática, para possibilitar aprendizagem e desenvolvimento crescentes (BRASIL, 1997, p. 307).

Segundo Nunes (1997), não há uma época a iniciar a educação sexual. Desde que nascemos somos seres sexualizados e não podemos continuar numa concepção de infantilismo, encarando as crianças como assexuadas e ignorando o nível de tensão e interesse que lhes diz respeito.

Na escola, muitos professores fundamentam-se na ideia que a puberdade seria o momento favorável para a discussão com os alunos e com as alunas, sobre a sexualidade, haja vista que nessa fase a capacidade reprodutiva esteja desenvolvida. No entanto, Furlani defende que:

[...] A sexualidade se manifesta na infância, na adolescência, na vida adulta e na terceira idade. Esperar para abordar a sexualidade, apenas na adolescência, reflete uma visão pedagógica limitada, baseada na crença de que a “iniciação sexual” só é possível a partir da capacidade reprodutiva [puberdade fisiológica] (FURLANI, 2009, p. 45).

Sendo assim, a sexualidade está presente em todos os momentos da nossa vida, em qualquer idade. Acreditar que existe um período ou uma época propícia para desenvolver trabalhos relacionados à sexualidade, demonstra uma compreensão alicerçada em preconceitos, tabu e equívoca teóricos.

Ao considerar a educação sexual na escola como uma temática a ser trabalhada em todas as escolas do país, fica claro a necessidade e a importância desse trabalho em todos os níveis de educação básica, bem como deve ser obrigatória nos cursos de formação docente.

Assim como os outros temas, ensinar sexualidade como tema transversal é descrito por Figueiró (2006):

De acordo com a proposta é possível de ser ensinada de duas formas: a) “dentro da programação”: o conteúdo de sexualidade proposto é organizado, planejado e dividido entre professores de cada série. Pode ser que, numa mesma série, sejam os professores de Português, História e Ciências que se considerem capazes e queiram ensinar sobre sexualidade e, assim, ensinarão o conteúdo de sexualidade dentro de suas próprias aulas. Em outra série, podem ser a professora de Matemática e a de Educação Física, por exemplo. Quando a professora é a única da sala, como acontece nas séries iniciais, necessita organizar-se para ensinar conteúdos estipulados em algumas áreas de conhecimento nas quais houver condições de inserir o tema. b) “como extraprogramação”: todo e qualquer professor, sem planejamento prévio, aproveita uma situação, um fato que acontece espontaneamente para, a partir daí, ensinar sobre sexualidade, ou transmitir uma mensagem positiva sobre ela. Aproveita, enfim, para educar sexualmente. (FIGUEIRÓ, 2009, p. 54-55)

É importante que os professores conheçam as abordagens de educação sexual na escola, ressaltando seus pontos essenciais, pois estas auxiliam os mesmos a atuarem intencionalmente no ensino da sexualidade, de maneira positiva. Segundo Sayão (1997, p.101), “são os professores que terão que contribuir para que seus alunos tenham uma visão positiva e responsável da sexualidade, isto devido à proximidade entre professor e aluno no contexto escolar”.

Dessa forma, a educação sexual pode estar comprometida com diferentes concepções filosóficas, metodológicas e pedagógicas, implicando assim, a existência de abordagens

variadas sobre a educação sexual no contexto escolar.

Ribeiro (2003) dá destaque aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais envolvidos na abordagem da sexualidade. Segundo ele, a abordagem biológica nos mostra que temos um corpo físico, que sentimos que vemos e que somos vistos. A abordagem psicológica nos remete a nossa mente, ao nosso psiquismo, às nossas emoções mais primárias, aos nossos afetos, aos nossos desejos, às nossas fantasias, aos nossos sonhos. Por fim, o aspecto social enfatiza que o mundo social nos rodeia povoado de outros seres, inseridos na natureza ou na cultura.

Outros autores propõem uma forma diferenciada e mais abrangente de classificação dessas abordagens. Dentre as diversas abordagens, existem quatro tipos que são consideradas essenciais na história da sexualidade, sendo elas: a religiosa (tradicional e liberadora), política, médica e pedagógica.

A abordagem religiosa tradicional liga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e à submissão às normas religiosas oficiais. Tendo como metas básicas a preservação dos valores morais cristãos e o desenvolvimento da vida espiritual; vincula sexo ao amor pelo parceiro, ao casamento e à procriação e encara o matrimônio e a virgindade como os dois únicos modos de viver a aliança com Deus; valoriza a informação de conteúdos específicos da sexualidade, comprometendo assim, com uma educação para o pudor (FIGUEIRÓ, 1996).

Já a abordagem religiosa liberadora, liga a vivência da sexualidade ao amor a Deus e ao próximo, e tem como metas básicas a conservação dos princípios cristãos fundamentais, valoriza a informação de conteúdos, num contexto de debate, para, através da discussão da sexualidade, levar a tomada de consciência da cidadania. Vê de maneira crítica as normas oficiais da Igreja sobre a sexualidade. Vê também a Educação Sexual como um ato político, ou seja, como uma atitude de engajamento com transformação social (FIGUEIRÓ, 1996).

No entanto, a abordagem médica da educação sexual busca compreender os fatores pessoais e familiares que afetam, positiva ou negativamente, a sexualidade do indivíduo, apontando alternativas para melhorar a vivência sexual do mesmo. Dá ênfase ao fornecimento de informações, em contexto de relação terapêutica ou de programas preventivos de saúde pública, para assegurar a saúde sexual do indivíduo e da coletividade (FIGUEIRÓ, 1996).

Já a abordagem pedagógica de educação sexual está voltada mais diretamente para o processo ensino-aprendizagem de conteúdos relacionados com a sexualidade, valorizando o aspecto informativo desse processo, podendo também dar ênfase ao aspecto formativo, onde se propicie a discussão de valores, atitudes e preconceitos, bem como todo o “processo de libertação”, para o nível individual (FIGUEIRÓ, 1996).

Finalmente, a abordagem política ou emancipatória se caracteriza essencialmente em perceber na educação sexual um compromisso com a transformação social, conduzindo as discussões para as questões que envolvem relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias. Propicia questionamentos filosóficos e ideológicos e encara a questão sexual como algo ligado diretamente ao contexto social. Considera ainda importantes as mudanças de valores e atitudes contra preconceitos sexuais para o alcance de sua libertação e realização sexual (FIGUEIRÓ, 1996).

A autora Furlani(2011), em seu trabalho relata que as bases da estruturação da educação sexual podem ser agrupadas não apenas em quatro como afirma Figueiró, mas em oito abordagens teórico-metodológicas.

A primeira abordagem estudada pela autora é denominada de “Abordagem Biológico-Higienista”. Para Furlani, ela é a mais contemplada na Educação Sexual. Seus pressupostos conferem ênfase à biologia essencialista “e é marcada pela centralidade do ensino como promoção de saúde, da reprodução humana, das DSTs, da gravidez indesejada, do planejamento familiar, etc.” (FURLANI, 2011, p. 16). Essa abordagem considera as diferenças entre homens e mulheres como atributos corporais inquestionáveis, o que contribui para o processo de naturalização das desigualdades sexuais e de gêneros. E ela sempre esteve presente na educação sexual na escola, através das aulas de ciências, porém, a maior crítica que recai a ela, é no fator de ser exclusiva, implicando um currículo limitado e reducionista.

A segunda abordagem apontada é denominada de “abordagem moral- tradicionalista”, sendo marcada pelo princípio de uma moral conservadora. Essa abordagem também se coloca favorável a manutenção dos “papéis sexuais’ tradicionais, defende a monogamia, o casamento, a castidade pré-marital, a educação separada entre meninos e meninas; prega a intolerância com as práticas sexuais e os modos de viver a sexualidade que não sejam os reprodutivos” (FURLANI, 2011, p. 17).

A terceira abordagem é caracterizada como terapêutica. Ela busca causas explicativas para os comportamentos sexuais considerados “anormais” ou para os “problemas sexuais”. Geralmente apresenta “conclusões simplistas, imediatistas, genéricas e universais para os fenômenos da vida sexual”(FURLANI, 2011, p. 19). Os estudos que visam caracterizar a sexualidade a partir de perspectivas exclusivamente psicológicas constituem algumas das bases para essa abordagem.

Como quarta abordagem temos a religiosa-radical que é pautada no apego literal das interpretações bíblicas e utiliza o discurso religioso como verdade inquestionável. Além de condenar as sexualidades não heterossexuais, como a homossexualidade, também investe na

“manutenção da família patriarcal” e na “submissão” da mulher (FURLANI, 2011, p. 20).

A quinta abordagem da educação sexual apontada por Furlani tem como base os direitos humanos. Seus pressupostos compreendem a escola como comprometida com a transformação social e com o combate às exclusões. Nesse contexto, marcadores sociais como classe, raça, etnia, sexo, gênero e sexualidade são problematizados em um processo educativo político, de reconhecimento, e que objetiva a construção de uma sociedade melhor. (FURLANI, 2011).

A abordagem baseada nos direitos sexuais se constitui como a sexta perspectiva e também prevê alterar o contexto social em que as diversas exclusões são estabelecidas e combater a homofobia, a lesbofobia, a transfobia ou qualquer forma de discriminação sexual. (FURLANI, 2011).

A sétima abordagem prevista nos estudos de Furlani é denominada de “Emancipatória”. Segundo a autora é uma das poucas abordagens que procura construir uma base epistemológica para reflexões sobre a educação sexual. Em descrição mais detalhada do que a encontrada nos estudos de Figueiró (1996), a autora argumenta que essa educação é baseada em pressupostos marxistas e seus defensores alegam que somente ao compreender as formas de opressão social poderemos combatê-las com o objetivo de alcançar a autonomia. Como acredita que a sexualidade fora reprimida ao longo das décadas propõe a busca da libertação da “consciência” a partir do combate às “repressões sexuais”. Esse processo de emancipação possibilitaria aos indivíduos “escolherem seus caminhos sem amarras, sem medos, e com conhecimento de sua importância nas diversas relações sociais” (MELO, 2002 apud FURLANI, 2011, p. 33).

A teoria quer constitui a base epistemológica para a última abordagem apontada pela autora. Essa abordagem rejeita a noção de uma identidade especializada e procura evidenciar os mecanismos culturais que constroem as diferenças sociais. Sua empreitada política se relaciona a problematizar as representações hegemônicas de sexo, gênero e sexualidade. Direciona seus olhares questionadores à compreensão dos porquês da heterossexualidade ser valorizada como “a identidade” e as intencionalidades sociais em condenar a homossexualidade como “identidade subalterna”. Essa abordagem também questiona os rígidos padrões culturais de comportamento que definem o gênero masculino e feminino. Ao contrário de singular, evidencia que as representações de masculinidade ou feminilidade são plurais e estabelecidas em uma cadeia hierárquica onde o homem, masculino, de classe média, heterossexual e cristão é considerado superior a qualquer outra forma de identidade (FURLANI, 2011).

Das abordagens citadas, aquela que é considerada como prevalente nas ações educacionais é a biológico-higienista, por sua ênfase na biologia dos corpos, no determinismo biológico, no ensino de prevenção contra doenças sexualmente transmissíveis (DSTs/AIDS) e gravidez não planejada.

Segundo Furlani (2011), a educação sexual nas escolas, tem como objetivo fundamental, contribuir para que os alunos e alunas possam viver sua sexualidade de forma mais emancipatória, mais prazerosa, mais afetiva. Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, ao mesmo tempo busca garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, que são elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades, de seus direitos, de seus deveres.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), muitas escolas consideram a necessidade de trabalhar a educação sexual em seus conteúdos formais, incluindo o aparelho reprodutivo apenas no currículo da disciplina de ciências e geralmente o fazem por meio da discussão sobre a reprodução humana, com informações relativas à anatomia e fisiologia do corpo humano. Mas essa maneira de abordar o tema, nem sempre envolve as ansiedades e curiosidades das crianças, pois enfoca apenas o corpo biológico e não inclui as dimensões culturais, afetivas e sociais contidas nesse mesmo corpo.

Entretanto, a educação sexual não pode ser trabalhada apenas em aula expositiva, embora, em alguns momentos, ela se faz necessária, pois há conteúdos básicos que requerem uma explicação teórica por parte do professor. Contudo, é preciso muito cuidado para que não seja apenas o professor a falar sobre a temática, mas, pelo contrário, que consiga desenvolver uma aula expositivo-dialogada, em que o aluno é envolvido, ativamente, no processo de explicação do conteúdo, seja por perguntas que lhe são feitas, seja por participar com opiniões, colocação de dúvidas e expressão de sentimentos.

Segundo Louro (1998), a escola, enquanto um espaço Sexualizado e Generificado como qualquer outra instância social, deve contribuir para discussão de questões relacionadas à sexualidade, nas diversas disciplinas, e ao longo de todas as propostas da escola, pois as temáticas corpo, gênero e sexualidade estão presente no currículo escolar.

Nessa perspectiva, a abordagem da sexualidade e relações de gênero possui uma grande relevância em sala de aula, para que se possa compreender melhor sobre como esses alunos estão sendo ajudados no sentido de obter informações que possam contribuir na sua formação intelectual e ética referente à sua sexualidade e construção da identidade sexual.

Desse modo, o trabalho de educação sexual na escola perpassa a questão dos direitos

humanos, pois o educando, ao discutir sexualidade vai perceber que questões de cidadania e de direitos fundamentais estão inseridas nesse contexto. Vai saber que sua subjetividade deve ser respeitada, assim como sua maneira de pensar e de agir, sua escolha de vida, e isso poderá, inclusive, refletir-se positivamente no cuidado com sua saúde biológica e psicológica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem que as intervenções pedagógicas de Educação Sexual na escola favoreçam a reflexão sobre a própria sexualidade, desenvolvendo temas polêmicos, tais como: violência sexual, homossexualidade, aborto, pornografia, entre outros favorecendo ampla liberdade de expressão em ambiente acolhedor, vindo promover bem-estar sexual e aperfeiçoando a cidadania.

Para se trabalhar a educação sexual na sala de aula, o professor precisa utilizar técnicas, recursos para abordar a educação sexual na escola, estimulando os alunos a pensarem sobre o assunto e a produzirem reflexão. De acordo com Egypto (2003), os recursos utilizados para viabilizar a participação do aluno variam muito. Usam-se técnicas projetivas, porque é mais fácil para o aluno colocar suas dúvidas e posicionamentos de maneira indireta.

Um método que pode ser utilizado é a dramatização, que segundo Figueiró (2009) é uma estratégia de ensino que nos possibilita reconhecer a necessidade de buscar, sempre que possíveis métodos que revalorizem o diálogo, o autoconhecimento e a integração entre pensar, sentir e agir e que, também, cria um ambiente de confiança e de reflexão.

É possível fazer uso de recursos como filmes, músicas, cenas de novelas, manchetes de revistas e de jornais. Ajudando assim, os professores em como explorar a temática, de maneira construtiva, através do uso desses recursos.

Esses recursos precisam ser utilizados para o melhor desenvolvimento da aprendizagem sobre a sexualidade, pois esse é um aspecto essencial na busca de um caminho positivo para tratar as questões sobre a mesma de forma criativa e proveitosa por todos que fazem parte desse processo de aprendizagem.

Infelizmente a disponibilidade de materiais didático-pedagógicos para auxiliar o trabalho de educação sexual em instituições formais de ensino é apontada pela literatura como uma barreira para a consolidação dos trabalhos (JUNQUEIRA, 2007). Essa aparente falta de materiais de apoio pedagógico, portanto, é uma problemática que deveria ser investigada, pois, o que podemos perceber é que a falta de materiais de apoio pedagógico é uma das responsáveis pela omissão do discurso sobre a sexualidade na escola.

Na medida em que se faz necessária a discussão do tema sexualidade nas escolas, é possível perceber a fragilidade por parte dos professores em abordar o tema em sala de aula. Nem sempre é fácil para o professor, muitos deles sentem uma grande dificuldade para falar

sobre a temática com seus alunos em sala de aula.

Na maioria das vezes esse tema é tratado apenas como fator biológico, trazendo apenas informações superficiais e que não despertam o interesse por parte dos alunos. Por outro lado, são poucos os professores que se disponibilizam para tratar sobre esse assunto de maneira que possa trazer informações relevantes aos alunos, no sentido de esclarecer sobre suas dúvidas com relação à sexualidade.

Hoje em dia, embora tenha havido uma disseminação de ideias, informações e teorias sobre a sexualidade abordada em sala de aula, ainda não se discute de maneira que haja uma melhor compreensão sobre esse tema. Por isso, esse assunto continua sendo tratado com certo receio, seja pela falta de preparo de alguns professores ou pela falta de abertura em expor determinados assuntos.

Segundo Haffner (2005), uma das razões pelas quais ainda há dificuldade por grande parte dos educadores em considerar a criança um ser sexuado e em realizar trabalhos intencionais de educação sexual com elas é o fato de confundirem os conceitos de sexualidade e sexo, reduzindo-os apenas aos órgãos genitais e às relações sexuais. A sexualidade engloba os órgãos sexuais e as relações sexuais, mas não se restringe a eles. Para Haffner (2005, p.30), a sexualidade “abarca os conhecimentos, as crenças as atitudes, os valores e os comportamentos sexuais do indivíduo”.

Outro ponto de dificuldade que os professores enfrentam é o medo pela incompreensão dos pais ou responsáveis, que muitas vezes interpretam de maneira errônea o que o professor ensina para a criança. E é preciso que sejam propostos para os professores, cursos de formação continuada focando a educação sexual. Visto que não se pode negar aos alunos, informações e respostas as suas perguntas, até porque a escola é um lócus privilegiado de informação, de troca, conhecimento, promovendo debates e formação integral.

6 RESULTADOS E DISCURSÕES

O capítulo a seguir apresenta as especificidades da escola pesquisada, assim como, a análise dos conteúdos e as metodologias presentes no currículo escolar e finalizando com as dificuldades docentes na mediação pedagógica nas aulas de educação sexual. Os procedimentos metodológicos de análise dos dados para a constituição do presente capítulo referem-se à técnica de coleta de dados que foi a entrevista semiestruturada. Foram entrevistados três docentes da escola de ensino fundamental no município de Breves.

Para o embasamento da presente seção, utilizamos autores como Figueiró (1996), França (2008), Furlani (2011), Louro (2008), Sayão (1997), Egypto (2012), Nunes e Silva (2000), Quirino (2012).

6.1 Educação sexual: as especificidades da escola pesquisada

A pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental no município de Breves/MARAJÓ. Fizeram parte da pesquisa quatro professores de Ciências Naturais (que trabalham com turmas de 6º ao 9º ano). O tempo de trabalho na escola durou uma semana. O local e o horário das entrevistas foram definidos de acordo com o tempo disponível dos professores.

Como instrumento de coleta de dados, utilizamos um roteiro de entrevista elaborado com base na bibliografia consultada e nos objetivos da pesquisa. As questões foram: Em sua opinião, qual a importância de se trabalhar Educação Sexual na formação dos alunos? Você participou de alguma formação continuada sobre o tema “sexualidade”? Quais os conteúdos sobre o tema “Sexualidade” são abordados nas aulas? Você encontra dificuldades em trabalhar o tema “sexualidade”? Quais são essas dificuldades? Que fatores contribuem para que as dificuldades apareçam? Os alunos são participativos quando o tema da aula é sobre sexualidade? Como são planejadas as aulas de educação sexual? É planejada individualmente ou coletivamente? Quais os procedimentos metodológicos são utilizados para trabalhar o tema sexualidade com os alunos? Quais recursos didáticos são utilizados para abordar o tema “sexualidade”?

Essas questões serviram como roteiro com objetivo de buscarmos compreender quais as dificuldades que o professor sente diante da manifestação da sexualidade em sala de aula.

6.2 Os conteúdos e as metodologias presentes no currículo escolar

Sobre o ensino da educação sexual no ambiente escolar, Aquino e Martelli (2012) retratam que:

Sabendo-se que no contexto escolar as manifestações da sexualidade estão presentes, cabe ao professor problematizá-las. Uma vez que a escola tem como função a transmissão de conhecimentos científicos, bem como, o desenvolvimento integral do indivíduo. Nessa perspectiva, consideramos que problematizar, questionar, dialogar e compreender elementos inerentes à sexualidade constitui-se como aspectos do desenvolvimento humano.

Em relação aos conteúdos e metodologias presentes no currículo da Escola de Ensino Fundamental, podemos retratar, conforme entrevista com professores quais conteúdos sobre a Educação Sexual são trabalhados na escola.

Como a escola desenvolve sua ação pedagógica da educação sexual, foi questionado como são planejadas as aulas de educação sexual, se era individual ou coletiva. Os indivíduos que participaram da entrevista disseram que as aulas são planejadas através da disponibilidade e vontade individual de cada um.

De acordo com a pesquisa feita 75% dos docentes fazem o planejamento das aulas de educação sexual **individualmente**. E 25% informaram que fazem planejamento das aulas de sexualidade de forma **coletiva**, sendo que os professores informaram que:

É individual. Fica a critério de Cada professor fazer seu planejamento encima do conteúdo. **(professora A)**

Sempre fiz meus planejamentos individualmente. **(Professora B)**

Eu faço o planejamento em cima desse assunto, só que individualmente. **(Professora C)**

Acho que, na verdade, seria muito bom trabalhar o planejamento coletivamente até porque é um tema que o adolescente tem curiosidades. É como às vezes a gente se depara com cada coisa na sala de aula com os alunos, seria muito bom que tivesse idéias de outros colegas de trabalho. **(Professora D)**

De acordo com os PCNs é importante que ocorra o planejamento das aulas de educação sexual de forma coletiva.

Os docentes reconhecem a importância de ser feito o planejamento, pois, a escola tem uma missão maior, que é informar de forma correta. Visto que a necessidade da educação sexual nas escolas é fundamental.

É grande a deficiência didática utilizada pelo professor, no que diz respeito à educação sexual. Pois algumas escolas incorporam no seu currículo a educação sexual, no entanto, não se encontram preparadas para assumir tal responsabilidade.

Os conteúdos referentes às aulas de Educação Sexual devem ser feitos de forma coletiva e a educação sexual deve fazer parte do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, sendo que:

A orientação (educação) sexual deverá fazer parte do projeto pedagógico da escola e ser desenvolvida pelos próprios professores, em suas turmas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais propõem que os temas sejam apresentados por meio da transversalidade dos conteúdos (isto é, presentes em todas as áreas do conhecimento). Uma vez discutidos, os assuntos devem voltar, com conteúdo mais aprofundado, todas as vezes que houver interesse, por parte dos alunos (FRANÇA, 2006, p. 06).

Na escola pesquisada, a temática sexualidade é abordada principalmente nas aulas de Ciências quando se trabalha o corpo humano e Orientação Sexual (Aborto, gravidez na adolescência, DST'S). Ensina-se então, as partes do corpo, suas funções e também algumas orientações simples e curtas sobre os outros conteúdos. Entretanto, a educação sexual abordada na escola, acaba sendo trabalhada de maneira superficial. De acordo como nos relata as Professoras A, C e D:

Eu trabalho conteúdos como o corpo humano e sempre eu coloco o tema sexualidade junto. Mas sempre falo apenas o "necessário" nunca levo adiante os debates porque não me sinto segura o suficiente. (...) (Professora A)

A gente vai tentando falar aos poucos, dependendo da aula. Se for o caso, aconteceu tal coisa na cidade, eles viram na televisão, ouviram no rádio... Ai eu comento "vocês ouviram falar do abuso assim, assim"... (Professora C)

(...), pois é eu comento quando vou falar sobre a higiene do corpo. Aí eu aproveito para estar comentando um pouco mais sobre esse assunto que é a sexualidade. É mais aula informal. E quando eu tenho alguma oportunidade eu tento informar alguma coisa pra eles sobre violência Sexual, gravidez na adolescência, aborto etc... (Professora D)

De acordo com esses relatos, fica clara a necessidade de se abordar através de conteúdos a temática sexualidade. Confirmamos essa necessidade na fala de Figueiró (1998, p. 96): embora se saiba que são as necessidades que, na prática, têm impulsionado o começar a falar sobre sexualidade, é preciso assegurar que a força propulsora do trabalho seja o reconhecimento do direito à educação sexual.

A vivência da sexualidade pode ocorrer de diferentes formas de acordo com o contexto social, sendo que através da aquisição de conhecimentos, pode haver desde o esclarecimento das dúvidas até a transformação de concepções. Nesse sentido, Medeiros (2000, apud ALVES, 2008, p. 44) retrata que:

[...] a abordagem da sexualidade com as crianças e os jovens, não deve se limitar ao tratamento somente das questões biológicas e reprodutivas, podendo a escola atuar e ampliar o diálogo e a reflexão, a fim de elucidar questões e auxiliar a criança ou o jovem na superação de suas dificuldades.

Corrêa (2003) retrata que a escola deve abrir espaço para que sejam trabalhados temas referentes à sexualidade, sendo que:

Abrir espaço para falar sobre sexualidade com os alunos não significa estimular a atividade sexual deles. Significa, sim, canalizar a sexualidade já presente para caminhos saudáveis. Portanto, significa também falar de repressão, poder, preconceito, interdição do corpo, desejo, paixão, prazer, vida, morte, controle, gênero, pecado, opção sexual, construção de papéis sexuais, doenças sexualmente transmissíveis e, atualmente, AIDS; enfim, de todas as representações sociais que giram em torno dela na sociedade (apud ALVES, 2008, p. 45).

É importante que o professor trabalhe questões relacionadas à sexualidade, tais como a violência sexual, abuso e exploração sexual, gravidez na adolescência, aborto para que o adolescente saiba se cuidar. É preciso falar abertamente sobre isso, para que ele tome os devidos cuidados

É importante que o professor procure métodos e práticas de educar seus alunos, e antes de tudo, de saber a melhor maneira de fazê-lo. Existem várias maneiras de ensiná-lo, e que é preciso descobrir qual a maneira que trará mais sucesso, tanto ao professor quanto ao aluno, para assim, haver um bom trabalho.

Os procedimentos metodológicos utilizados, segundo os docentes são aulas expositivas e conversas informais.

Eu converso sobre sexualidade quando falo dos direitos e deveres dos meus alunos. Como a maioria deles já namora tento conversas mais sobre DST'S, gravidez indesejada e aborto, principalmente com minhas turmas de 8º e 9º ano. (Professora C).

Podemos perceber que os professores continuam adotando metodologias tradicionais que não priorizam a abordagem da sexualidade como uma temática importante no ensino fundamental.

É comum detectar-se nessas práticas pedagógicas concepções conservadoras que não dão suporte ao tema em voga, e não proporcionam momentos para que o aluno sintasse mais à vontade para mostrar o que sabe ou deseja saber sobre mitos e tabus da sexualidade que perpassam o seu cotidiano (SILVESTRE, 2012, p. 06).

Segundo Figueiró (2009) uma maneira para ser usada em educação sexual é o chamado debate aberto. É isto que possibilita aos alunos entrarem em contato com diferentes posicionamentos para, a partir daí, formar suas próprias opiniões e se preparar para tomar decisões próprias.

O professor precisa busca recursos para trabalhar a educação sexual com seus alunos, que trabalhe com atividades vídeos, imagens, produção de peças teatrais entre outros. Pois apenas falar, muitas vezes não contempla as curiosidades dos alunos.

Schimitz (1993) retrata ainda sobre os recursos didáticos utilizados nas aulas de educação sexual:

Podemos dizer que os materiais didáticos para a educação sexual nas séries do ensino fundamental são necessários e importantes. No entanto, o recurso não é substituto do professor, pois seu uso efetivo dependerá da habilidade do professor em selecionar, valorizar e utilizar os recursos de maneira adequada e produtiva. A seleção dos materiais deve levar em consideração o aluno ao qual se destina (faixa etária, interesses), os objetivos e os conteúdos a serem aprendidos. Assim, consideramos que cabe ao professor, como dinamizador do processo da aprendizagem, estar atento às diferentes situações para que os recursos cumpram sua finalidade, que é, principalmente, facilitar a aprendizagem integrada e dinâmica Schimitz (1993 apud BARDI; CAMPOS, 2004, p. 03).

Os docentes relataram sobre as brincadeiras que os alunos fazem depois que aprendem algo relacionado à sexualidade, Muller (2013, p. 75) diz que:

As risadas e brincadeiras, bem como os olhos atentos e as perguntas das mais variadas, vão emergir na sala de aula e em casa ao conversar sobre tudo isso. É um jeito que a criança lidar com a ansiedade e a curiosidade do tema sexualidade. Isso tudo ocorre, ao mesmo tempo em que a criança aprende sobre as transformações que o corpo humano passa, ela mesma está vivenciando esse processo.

Para Egypto (2003), a escola necessita trabalhar com a temática, porque é no espaço escolar que se discute conhecimentos, exercita-se o diálogo e a reflexão. Se a escola, não tem condições de abordar a sexualidade com as crianças, por falta de capacitação ou porque se nega a instituição “reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Ela transmite a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal, aprendida de qualquer jeito” (EGYPTO, 2003, p.16).

É importante e necessário, que as escolas de ensino fundamental trabalhem tema sexualidade, pois a escola é um lugar privilegiado para se discutir essa temática. E na medida que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder da conta dessa responsabilidade, ela reforça a ideia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano.

6.3 As dificuldades dos professores de ciências nas aulas de educação sexual

De acordo com a pesquisa, os docentes de Ciências Naturais enfrentam dificuldades pela falta de recursos didáticos e principalmente a falta de formação específica sobre assunto.

Como dificuldades dos professores nas aulas de educação sexual, podemos apontar que em uma questão abordava se os mesmos já participaram de algum curso de formação continuada sobre a sexualidade no currículo escolar. Todos os entrevistados responderam que ainda não participaram de cursos de formação continuada que retratasse sobre a sexualidade no currículo escolar (apenas algumas disciplinas na graduação, mas que as mesmas não eram focadas na temática). Todos os professores ressaltaram que seria importante participar de cursos de formação continuada para saber como elaboram suas aulas e levar o ensino/aprendizagem a todos os alunos nas salas de aula.

Eu nunca participei de nenhum curso de formação sobre esse temática Sexualidade. (Professora A)

Não, ainda não participei de nenhuma formação sobre sexualidade. Lembro que apenas na graduação tive algumas orientações. (Professora B)

Nenhuma experiência quanto à formação de cursos que tenham abordado o assunto sexualidade... (professor C)

É bem expressiva a necessidade de uma formação específica sobre educação sexual para que os professores possam atuar de maneira mais segura no ensino fundamental. É evidente que a falta de preparação do professor se torna um obstáculo para contornar situações que ele próprio vivencia em sala de aula. De acordo com os PCNs:

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não às questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato do tema. O professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens; preparar-se para a intervenção prática junto aos alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, o qual deve ocorrer de forma continuada e sistemática, constituindo, portanto, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho de educação sexual (BRASIL, 2000, p. 123)

Seria importante que professores e toda equipe que trabalhar com os alunos, tivesse participação em cursos de formação sobre a sexualidade. Pois só assim iriam saber o que fazer diante de uma manifestação sexual de seu aluno. Porém, o que podemos observar é que

os professores não possuem essa formação específica para se trabalhar educação sexual com as adolescentes, o qual sugere os PCNs. A falta de preparo dos professores, do corpo técnico da escola em geral, em relação a assuntos sobre a educação sexual é grande, e isso impede que os docentes façam um trabalho com segurança, sem medo de ensinar errado ou até mesmo transmitir aquilo que não devem para os discentes.

Porém, se não é oferecido aos professores cursos de formação sobre sexualidade, para que sejam respondidas as suas dúvidas, estes não devem se acomodar, mas sim, necessitam procurar alguma fonte de informação, livros, artigos para que assim, consigam encontrar meios para solucionar a problemática em sala de aula.

Braga (2000) retrata que os professores devem ter uma atitude de querer aprender sempre mais para levar o ensino/aprendizagem a todos:

Além da própria experiência pessoal, os (as) educadores (as) precisam de uma mudança de atitude, quererem aprender, abrirem-se ao desafio [...]. Necessitam participar de cursos, debates, grupos de estudos entre outras atividades de capacitação, possibilitando assim uma troca de experiências entre o grupo profissional Braga (2000 apud AQUINO; MARTELLI, 2012, p. 08).

De acordo com Biancon (2005) precisamos entender que todos nós somos educadores sexuais, mesmo que não tenhamos consciência disso. Pais, professores e qualquer adulto que esteja presente na formação do educando enquanto se processa a construção de suas ideias, seus valores, sentimentos e do seu crescimento pessoal. Os docentes, por estarem presentes grande parte do tempo com seus alunos, acabam tendo maior relação pessoal com os estudantes, transmitindo seus valores e ideias quanto à sexualidade, seja pelo tratamento que dispensam aos seus alunos, seja pela sua maneira de ser, de se vestir, de agir, ou pelo que representam no plano familiar e social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi desenvolvido na perspectiva de analisar as práticas, os conteúdos e principalmente as dificuldades que o professor de Ciências enfrenta para trabalhar a temática sexualidade com os alunos do 6º ao 9º do ensino fundamental.

O objetivo do presente estudo foi alcançado, uma vez que foi analisada a questão da sexualidade no âmbito escolar, suas práticas e conteúdos, relacionando com as dificuldades que o professor de Ciências enfrenta na sala de aula. Percebeu-se que diante de tantos tabus, os professores de Ciências Naturais tem problemas em lidar com a temática da sexualidade na sala de aula.

Os resultados mostram que trabalhar o tema sexualidade em sala de aula, não é uma tarefa fácil, que a falta de material didático e que principalmente a falta de um curso preparatório são os principais fatores que contribuem para que o docente tenha dificuldades em dialogar o assunto em sala de aula com seus alunos.

Respondendo ao questionário do presente estudo, os docentes afirmam que realmente não se sentem preparados para falar sobre a temática uma vez que eles se sentem inseguros diante da realidade que estão vivendo e que muitas vezes eles acabam ignorando o aluno quando o mesmo tem dúvidas que envolva o tema, como perguntas e brincadeiras, mesmo sabendo que essa atitude não é a correta.

Diante disso, pesquisar as dificuldades que o docente enfrenta ao trabalhar a sexualidade em sala de aula foi de grande relevância, uma vez que tirei algumas lições entre elas, que a educação sexual no espaço escolar só pode acontecer se tivermos pessoas preparadas para ensinar de forma correta e principalmente que falar de educação Sexual com adolescentes ainda é algo cheios de tabu e para mudar essa realidade precisamos de profissionais qualificados e aptos para trabalhar em prol de mudanças positivas dentro da sociedade escolar.

REFERENCIAS

ALTMANN, Helena. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2005.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

AMORIM, J.B. **Educação sexual no âmbito escolar**: análise do discurso presente em um material educativo para a formação de profissionais de saúde e educação. UFRJ: Rio de Janeiro, 2009.

AQUINO, Julio Groppa (org). **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo, Sumos, 1997.

BANDURA, Albert; AZZI, Roberta G.; Polydoro, Soely. **Teoria social cognitiva**: conceitos básicos. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Cristina. **Sexo e Juventude**: como discutir a sexualidade em casa e na escola. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

BIANCON, Mateus Luiz. **A Educação Sexual na escola e as tendências da prática pedagógica dos professores**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina. 2005.

BOMFIM, Sandra Souza. **Orientação sexual na escola**: tabus e preconceitos, um desafio para a gestão. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Colegiado de Pedagogia. Salvador, 2009.

BRASIL, Parâmetros curriculares nacionais. **Pluralidade cultural e orientação sexual**: Temas transversais. v.10. MEC. Brasília. 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade, cultural, orientação sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1997.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: pluralidade cultural e orientação sexual, vol. 10. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. Ministério da educação e desporto. conselho nacional de educação. parecer CNE/CEB Nº: 2/1998: Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. **D.O.U.** de 15/4/98, Seção I- p.31.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade (s) e Infância (s)**: A sexualidade como um tema transversal. São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.

CISOTTO, Laurindo. **A formação docente continuada sobre a educação para a sexualidade, em uma escola pública no município de Diadema. A ótica de professores participantes e gestora.** 2010. Tese (Doutorado em Educação: Currículo). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

DEL PRIORE, Mary Del. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil.** São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. In: **Revista Educar**, n. 24, Curitiba, Editora UFPR, 2004. p. 213-225.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo.** 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.

FIGUEIREDO, Lilia Márcia de Sousa.(et all).**Educação Escolar e Sexualidade.** 2007.Disponível em<://http://scholar.google.com.br/scholar?q=EDUCA%C3%87%C3%83O+ESCOLAR+E+SEXUALIDADE&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar > acesso em 05.jul.2014

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. A produção teórica no Brasil sobre educação sexual. São Paulo: **Caderno de Pesquisa**, nº 98, ago. 1996. p. 50-63.

_____. **Formação de educadores sexuais: adiar não é mais possível.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

_____. **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum – Londrina: UEL,** 2009. 190p.

_____. A viabilidade dos temas transversais à luz da questão do trabalho docente. **PSI - Revista de Psicologia Social e Institucional**, v. 2, n. 1, jun./2000. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n12.htm>> Acesso em 23 jul. 2014.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola: mito e realidade.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

HAFFNER, Debra W. **A criança e a educação sexual.** 1. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2005. 204p.

JUNQUEIRA, R. D. O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar. In: RIBEIRO, P. R. C.; SILVA, M. R. S.; SOUZA, N. G. S.; GOELLNER, S. V.; SOUZA, J. F. (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas.** Rio Grande: FURG, 2007.

LORENCINI JUNIOR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: MARTIN, Selma Alves de Freitas. **Educação Sexual na Escola: concepções e práticas de professores**. 2010. 180 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2010.

MOIZÉS, Julieta Seixas. **Educação Sexual, Corpo e Sexualidade na Visão dos Alunos e Professores do Ensino Fundamental**. 2010. Tese (Doutorado) Enfermagem Psiquiátrica, Ribeirão Preto: 2010.

MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais**. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

MUNHOZ, Divanir Eulália Naréssi. Entre a universalidade da teoria e a singularidade dos fenômenos: enfrentando o desafio de conhecer a realidade. **Revista Emancipação**, nº 6. ano 1, 2006, p. 25-40.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. 2ª ed. São Paulo: Papyrus, 1997.

NUNES, César; SILVA, Edna. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas: Século XXI, 1997 (Coleção Sexualidade e Educação).

NUNES, César. SILVA, Edna. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas: Autores associados, 2000.

SAYAO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, J.G. 1997. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. Ed. São Paulo: Summus.

SIMONETTI, Cecília. Sexualidade na adolescência e programas de educação sexual. **Boletim transa legal para educadores**, vol. 1, nº 1. São Paulo. maio/jun., 1994.

TONATTO, S.; SAPIRO, C.M. **Os Novos Parâmetros Curriculares das Escolas Brasileiras e Educação Sexual: uma Proposta de Intervenção em Ciências**. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sciarttext&pid=5010271822002000200009&lng=en&nrm=iso&+lng=en.c.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2014.

WEREBE, Maria José Garcia. Educação sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.36, p.99-110, fev. 1981.